



## A nossa responsabilidade

Manuel dos Santos

Vivem-se tempos de inquestionável dificuldade em Portugal.

Quando surgem os primeiros sinais de que a grave crise financeira, económica e social que abalou o Mundo começa a ser ultrapassada, a situação económica portuguesa revela no quadro internacional grandes dificuldades estruturais.

Este facto gera problemas acrescidos para as empresas e para as famílias, confrontadas com a forte pressão dos mercados e com a subida dos custos de produção e dos juros.

Os “problemas” portugueses – o défice, o endividamento, a fraca competitividade das empresas, o sistemático saldo negativo com o exterior, etc. – não são de hoje, nem infelizmente estão em vias de ser corrigidos, mas tornam-se mais evidentes e preocupantes num mundo globalizado e parcialmente integrado, em que os “males” de uns são avaliados por todos, e aproveitados por alguns sem escrúpulos e sem ética.

A solução para os nossos problemas tem, pois, de ser encontrada com rapidez e no quadro interno das nossas disponibilidades e potencialidades.

Entre outros, o reforço da requalificação de recursos humanos, em todas as profissões e actividades, é indispensável para começar a dar a volta à situação.

Também por isso, os profissionais que têm a responsabilidade da gestão contabilística das empresas devem evoluir continuamente de forma a tornarem-se cada vez mais em agentes activos de mudança e da correcção das dificuldades económicas sentidas pelo País.

A Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, na sequência do que, durante tantos anos, foi fazendo a anterior Câmara, mantém como uma das suas prioridades essenciais a formação permanente e actualizada aos seus membros; formação esta que não se esgota, egoisticamente, no interior da classe, mas antes se associa a outros interesses

legítimos e a outras diversificadas circunstâncias.

Intervir globalmente na sociedade portuguesa, ao nível do sistema produtivo, contribuindo, solidariamente, para uma economia melhor é também um objectivo da nossa organização.

Daí que se justifiquem e compreendam as variadas acções de cooperação que temos desenvolvido com entidades sindicais, patronais, universitárias ou associativas de diversa ordem.

Esta cooperação tem, no entanto, sempre como ponto central o papel do Técnico Oficial de Contas, a sua formação e o reconhecimento da sua relevância no desenvolvimento de uma economia melhor, mais coesa e solidária.

Como se disse, a crise é global e toca a todos. Por isso, cada um, no nível da sua actividade, deve contribuir para ajudar a debelá-la. Para a Ordem, este é um compromisso essencial que não abandonaremos, na certeza de que temos, com a nossa vontade, a vontade da esmagadora maioria dos membros que constituem, dão vida e asseguram o futuro à nossa Instituição.

Neste processo de disponibilidade para com o interesse geral, a mobilização dos TOC é um factor determinante.

Vivemos um excelente momento para confirmar e acentuar essa mobilização. ■

**A crise é global e toca a todos. Por isso, cada um, no nível da sua actividade, deve contribuir para ajudar a debelá-la. Para a Ordem, este é um compromisso essencial que não abandonaremos.**